

Stanley está com lombriga. Assim sendo, levei-o até a veterinária, sentando-me — o que foi ridículo — na sala de espera pavorosamente decorada, entre uma mulher com um passarinho semimorto, cuja cabeça quase careca debruçava-se cansada sobre a canequinha d'água de sua gaiola, e a dona de um gato, a falar incessante-

mente com seu gordo bichano, o qual, por sua vez, contemplava Stanley com uma expressão indolente. Se o orgulhoso cão não tremesse sem parar, eu teria imediatamente sumido dali. Um desaforo. Ele vai morrer logo, passou-me pela cabeça; e, acima de tudo: ele não vai admitir que eu o exponha novamente a esta sala de espera, a estas gravuras artísticas de animais na parede, a este cheiro azedo, a este chão de linóleo com padrões coloridos. E, menos ainda, à veterinária, uma senhorita já de mais idade que, tagarelando terrivelmente, dobrara para cima o rabo de Stanley, a fim de cumprir seu ofício.

Vì sua testa enrugada, a gota de saliva escorrendo pesadamente e feito um fio do lado esquerdo do beijo; ouvi os ganidos gementes que lhe saíam da boca imóvel, como se outro animal houvesse se apoderado dele, oculto sob seu pêlo: percebi seu mal-estar, a dignidade ferida, e senti-me um miserável nojento por tê-lo sujeitado àquela vergonha. Se algum dia ainda tiver forças para escrever algo, vou contar a portentosa história de minha amizade com Stanley, um monumento ao amor fraternal que nos unia havia anos, desprovido de qualquer dúvida, ciumeira ou inveja.

Algum tempo antes, aparecera aqui em casa uma jovem mulher, pretendendo escrever uma tese de doutorado sobre mim, sobre minha obra e, talvez, sobre sua re-